

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Guapuruvu
Schizolobium parahybae

volume

1

Guapuruvu

Schizolobium parahybae



Árvore (Brasília, DF)
Foto: Feliciano A. de Araújo



Árvore jovem (Santa Helena, PR)
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Plantio
(Santa Helena, PR)
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Casca externa
Foto: Paulo Ernani R. Carvalho



Frutos e sementes
Foto: Carlos Eduardo F. Barbeiro

Guapuruvu

Schizolobium parahybae

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a taxonomia de *Schizolobium parahybae* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Fabales

Família: Caesalpinioideae (Leguminosae
Caesalpinioideae).

Espécie: *Schizolobium parahybae* (Vellozo) S. F. Blake; Contrib. U. S. Nat. Herb. 20: 240, 1919.

Sinonímia botânica: *Cassia parahyba* Vellozo; *Schizolobium excelsum* Vogel; *Schizolobium parahybum* Blake.

Nomes vulgares: baageiro, bacuru, bageiro, ficha, guapiruvu e pau-de-canoa, no Estado de São Paulo; bacumbu; bacuparu; bacurubu, na Bahia, no Estado do Rio de Janeiro, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo; bacurubu-ficheira; bacuruva; bacuruvu, gapuruvu, garapuvu e igarapobu, em Santa Catarina; bandarra e guapururu, no Estado do Rio de

Janeiro; beri; birosca, breu e guaperuvu, em Minas Gerais; bocurubu; bucuruva; espanador-do-céu; fava-divina, nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo; faveira; faveiro; ficheira, na Bahia e no Estado de São Paulo; ficheiro; gabiruvu; garapuva; guaburuvu; guaperubu; guapivuçu; guaporuva; guapububu; guapurubu; guarapuvu; guavirovo, no Rio Grande do Sul; paricá; pataqueira; pau-vintém; pau-de-tambor; pau-de-vintém, pinho e pino, na Bahia; pinho-branco; e piroasca.

Etimologia: *Schizolobium* significa “legume duro”. O termo *parahybae*, se refere ao Rio Paraíba, onde a espécie foi vista pela primeira vez por Vellozo (Rodrigues, 1997).

Descrição

Forma biológica: árvore semicaducifólia, com 10 a 25 m de altura e 30 a 60 cm de DAP, podendo atingir até 40 m de altura e 120 cm ou mais de DAP, na idade adulta.

Tronco: cilíndrico, marcado por cicatrizes da afiação das folhas, podendo apresentar sapopemas. Fuste com até 15 m de comprimento.

Ramificação: cimoso. Copa muito ampla, umbeliforme característica.

Casca: com espessura de até 5 mm. A casca externa é quase lisa, cinzenta quando adulta e verde quando jovem, provida de marcas conspícuas transversais ovaladas, em relevo, deixadas pela queda das folhas, e com presença de lenticelas. A casca interna é esbranquiçada, com textura fibrosa.

Folhas: alternas, compostas, de até 1 m de comprimento, bipinadas, com até 22 pares de pinas e pecíolo de até 15 cm.

Flores: grandes, vistosas, de pétalas vivamente amarelas, reunidas em racemos terminais de até 30 cm de comprimento.

Fruto: criptosâmara deiscente, obovado-oblongo, séssil, achatado, glabro, coriáceo ou sublenhoso, de coloração bege a marrom, quando completamente maduro e esverdeado quando imaturo, bivalvado, com valvas espatuladas, delgadas, lisas ou rugosas por fora e reticuladas na face interna, lembrando minúscula raquete de tênis, com 8,5 a 16 cm de comprimento e 3 a 6 cm de largura.

Na maturidade, as valvas se abrem, liberando a semente envolta pelo meso-endocarpo alado (Oliveira & Pereira, 1984). Contém geralmente uma semente, às vezes duas.

Semente: lisa, brilhante, oblonga-achatada, com tegumento duro, geralmente solitária, apical, envolta por envelope papiráceo de endocarpo (asa grande), medindo 2 a 3 cm de comprimento e 1,5 a 2 cm de largura.

Na parte basal lateral, encontra-se o hilo, a micrópila, um pequeno estrofiolo e a rafe. As sementes, semelhantes a fichas, justificam o nome popular fischeira, atribuído à árvore, em certas regiões do País (Marchiori, 1997).

Biologia Reprodutiva e Fenologia

Sistema sexual: planta hermafrodita.

Vetor de polinização: principalmente as abelhas pequenas *Apis mellifera* (abelha-européia ou abelha-africanizada), *Friesella schrottkyi* (mirim-preguiça), *Plebeia remota* (mirins), *Paratrigona subnuda* (jataí-da-terra), *Tetragonisca angustula* (jataí) e *Trigona spinipes* (irapuá ou arapuá) (Morellato, 1991; Pirani & Cortopassi-Laurino, 1993), *Bombus morio* e *Bombus atratus* (mamangabas) (Kuhlmann & Kuhn, 1947).

Floração: de julho a novembro, no Estado de São Paulo; de agosto a novembro, no Estado do Rio de Janeiro; de setembro a outubro, em Minas

Gerais; de setembro a dezembro, no Paraná; de outubro a dezembro, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Frutificação: os frutos amadurecem de março até agosto, no Paraná; de abril a agosto, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul; de abril a outubro, no Estado de São Paulo e de julho a agosto, em Minas Gerais. A floração e a frutificação iniciam-se entre 6 a 8 anos de idade, em plantios.

Dispersão de frutos e sementes: anemocórica, pelo vento e, autocórica, principalmente barocórica, por gravidade.

Ocorrência Natural

Latitude: 12°30' S na Bahia a 30°15' S no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 10 m (região litorânea) a 900 m de altitude, no Estado de São Paulo.

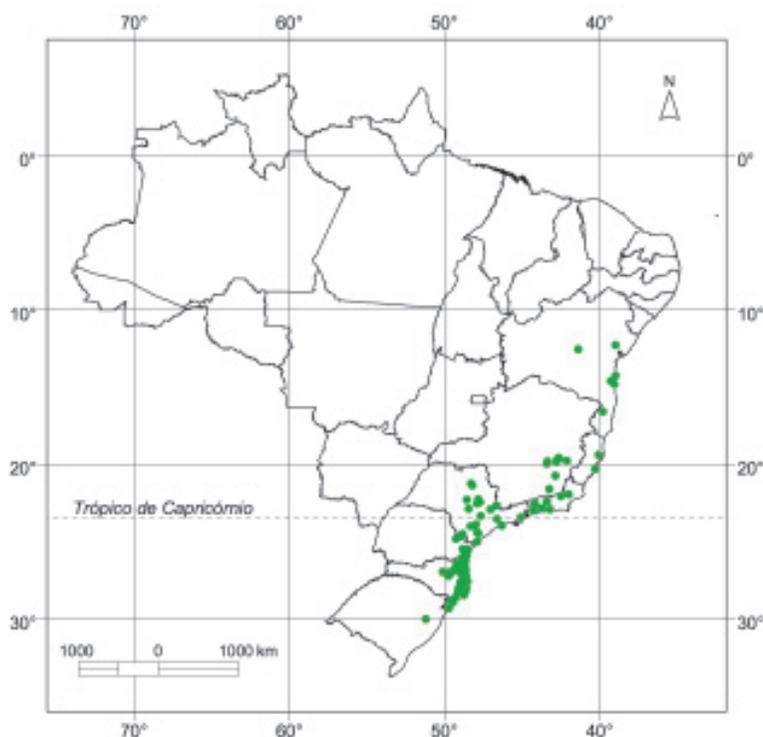
Distribuição geográfica: *Schizolobium parahybae* ocorre de forma natural no Brasil, nos seguintes Estados (Mapa 54):

- Bahia (Mello, 1973; Leão & Vinha, 1975; Lewis, 1987; Pinto et al., 1990; Oliveira et al., 2000).
- Espírito Santo (Jesus, 1988; Jesus, 1997).
- Minas Gerais (Mendonça Filho, 1996; Pedralli & Teixeira, 1997; Bortoluzzi et al., 1999).
- Paraná (Maack, 1968; Mattos, 1983; Inoue et al., 1984; Roderjan & Kuniyoshi, 1988).
- Estado do Rio de Janeiro (Barroso, 1962/1965; Laroche, 1978; Carauta & Rocha, 1988; Bloomfield et al., 1997b; Piña-Rodrigues et al., 1997).
- Rio Grande do Sul (no extremo litoral nordeste) (Rambo, 1953; Reitz et al., 1983).
- Santa Catarina (Klein, 1969; Reitz et al., 1978; Mattos, 1983; Reis et al., 1992).
- Estado de São Paulo (Kuhlmann & Kuhn, 1947; Nogueira, 1976; Kageyama, 1986; Demattê et al., 1987; Matthes et al., 1988; Mainieri & Chimelo, 1989; Nicolini, 1990; Custódio Filho et al., 1992; Melo & Mantovani, 1994; Rossi, 1994).

Aspectos Ecológicos

Grupo sucessional: espécie pioneira (Jesus, 1997) a secundária inicial.

Características sociológicas: o guapuruvu, além de ocorrer na floresta primária, é comum na vegetação secundária, dominando as capoeiras



Mapa 54. Locais identificados de ocorrência natural de guapuruvu (*Schizolobium parahybae*), no Brasil.

altas e florestas secundárias. Pode formar agrupamentos densos em grandes clareiras florestais. É raro na floresta alta e densa. Não é árvore muito longeva.

Regiões fitoecológicas: *Schizolobium parahybae* é espécie característica da Floresta Ombrófila Densa (Floresta Atlântica), principalmente na planície aluvial (Floresta Ombrófila Densa Aluvial) e do início das encostas (Floresta Ombrófila Densa Submontana), onde ocupa o dossel superior da floresta (Bigarella, 1978; Klein, 1979/1980; Oliveira et al., 2000).

No Estado de São Paulo, tem ocorrência espontânea (Nicolini, 1990) e subespontânea na Floresta Estacional Semidecidual (Kuhlmann & Kuhn, 1947; Matthes et al., 1988).

Densidade: em levantamento fitossociológico, realizado no Estado de São Paulo, foram encontradas 45 árvores por hectare (Nastri et al., 1992).

Clima

Precipitação pluvial média anual: desde 1.100 mm no Estado do Rio de Janeiro a 2.400 mm no Estado de São Paulo.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas na Região Sul e no litoral do Estado de São Paulo e parte do litoral do Estado do Rio de Janeiro, e periódicas, com chuvas concentradas no verão, na Região Sudeste e na Bahia.

Deficiência hídrica: nula no litoral de Santa Catarina, Paraná, Estado de São Paulo e parte do litoral do Estado do Rio de Janeiro; de pequena a moderada no inverno no Planalto do Centro e no leste do Estado de São Paulo; moderada, no inverno no leste de Minas Gerais, parte do Vale do Rio Paraíba, no Estado do Rio de Janeiro, no nordeste do Espírito Santo e na faixa costeira interior da Bahia, com estação seca até 4 meses.

Temperatura média anual: 18,8°C (Araranguá, SC) a 24,3°C (Ilhéus, BA).

Temperatura média do mês mais frio: 14°C (Araranguá, SC) a 22,1°C (Ilhéus, BA).

Temperatura média do mês mais quente: 23,1°C (Araranguá, SC) a 26,7°C (Ubatuba, SP).

Temperatura mínima absoluta: -3,4°C (Indaial, SC).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 2; máximo absoluto de 5 geadas, mas predominantemente sem geadas ou pouco freqüentes.

Tipos climáticos (Koeppen): tropical (Af e Aw); subtropical de altitude (Cwb e Cwa) e, no litoral de Santa Catarina ao nordeste do Rio Grande do Sul, subtropical úmido (Cfa).

Solos

Duarte (1978) relata que *Schizolobium parahybae* apresenta pouca exigência no que concerne à

fertilidade química do solo, já que essa espécie ocorre naturalmente em todo o Vale do Paraíba, onde as terras são pobres em nutrientes, deficiência causada, em parte, pela exaustão conseqüente das culturas que datam dos tempos coloniais.

Entretanto, em plantios, o guapuruvu cresce melhor em solos de fertilidade química boa, profundos e úmidos, bem drenados e com textura que varia de franca a argilosa. Solos rasos, de baixa fertilidade, de textura arenosa ou demasiadamente secos são inadequados para essa espécie.

Sementes

Colheita e beneficiamento: as sementes devem ser coletadas antes da deiscência dos frutos, mas com os pedúnculos já secos (Guerra et al., 1982).

A produção de frutos do guapuruvu varia de acordo com a exposição da copa aos quatro pontos cardeais e é variável de ano para ano (Cândido, 1992). A extração da semente é feita manualmente.

Número de sementes por quilo: 500 (Pásztor, 1962/1963) a 673 (Alcalay et al., 1988).

Tratamento para superação da dormência: para superar a dormência tegumentar, recomendam-se os seguintes tratamentos:

- Imersão em água à temperatura inicial de 65°C, retirando-se da fonte de calor, com a permanência das sementes por 18 horas na mesma água.
- Imersão por 4 a 10 minutos em água fervente, deixando-se as sementes nessa água, fora do aquecimento, por 72 horas (Bianchetti & Ramos, 1981).
- Escarificação manual em material abrasivo, rompendo o tegumento da semente no lado oposto ao hilo (Guerra et al., 1982).
- Escarificação mecânica, e escarificação em ácido sulfúrico concentrado por 5 minutos.

Outros tratamentos recomendados são citados por Freitas e Cândido, 1972; Ledo, 1977; Duarte, 1978; Bianchetti & Ramos, 1981; Marchetti, 1984; Alcalay et al., 1988. Um método prático é deixar as sementes em água fervente por 2 minutos, e depois deixá-las na mesma água por 12 horas.

Araldi & Amaral (1977) recomendam para escala industrial, a escarificação mecânica, que consiste no atrito das sementes contra uma superfície abrasiva ou a raspagem de uma pequena parte do tegumento (Souza Cruz, 1992).

Longevidade e armazenamento: as sementes do guapuruvu apresentam comportamento ortodoxo ao armazenamento.

Sementes com faculdade germinativa inicial de 90% mantêm a viabilidade integral por 22 anos, em armazenamento em câmara fria (3°C a 5°C e 92% de UR).

Germinação em laboratório: a areia é o melhor substrato para germinação, nas temperaturas de 25°C ou 30°C (Ramos & Bianchetti, 1984).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear uma semente a 2 cm de profundidade por recipiente (Longhi et al., 1984), que pode ser laminado de 18 cm de altura e 7 cm de diâmetro (Sturion, 1980), saco de polietileno, de 20 cm de altura e 7 cm de diâmetro ou em tubetes de polipropileno grande, para a produção de mudas de boa qualidade.

A semeadura direta no campo pode ser experimentada. A repicagem, caso necessária, pode ser feita 1 a 3 semanas após a germinação, ou quando atingirem 4 a 7 cm de altura.

Germinação: epigea, com início entre 5 a 35 dias após a semeadura. Se não for feito o tratamento de superação de dormência recomendado, as sementes germinam até 1 ano após a semeadura.

A germinação é alta, com média de 80%. O tempo em viveiro é, em média, 3 a 4 meses. Contudo, a partir de 2 meses, é possível a obtenção de mudas com boas características para serem transplantadas no local definitivo (Guerra et al., 1982).

Cuidados especiais: recomenda-se a adição de adubos orgânicos decompostos ao substrato, para a formação de mudas de guapuruvu (Nodari et al., 1984). Mudanças com maior diâmetro do colo são produzidas sem sombreamento (Ferreira, 1977).

As melhores condições ambientais para o pleno desenvolvimento das mudanças dessa espécie durante a fase de viveiro – com o mínimo de perda de biomassa – são proporcionadas por ambiente com incidência de insolação direta apenas na parte da manhã, quando as funções fisiológicas de crescimento das plantas são mais eficientes com relação ao uso da energia solar (Vieira et al., 1998).

Associação simbiótica: as raízes do guapuruvu não associam-se com *Rhizobium* (Campelo, 1976; Allen & Allen, 1981; Faria et al., 1984; Gaiad & Carpanezzi, 1984; Oliveira, 1999), nem apresentam fungos micorrízicos arbusculares.

Propagação vegetativa: a espécie multiplica-se também com facilidade por estacas de ramos finos (Heringer, 1947).

Características Silviculturais

O guapuruvu é uma espécie essencialmente heliófila. Ele não tolera baixas temperaturas. Contudo, sob condições microclimáticas, é medianamente tolerante ao frio.

Hábito: apresenta crescimento monopodial, com fuste reto e ramificação só no alto. Apresenta desrama natural intensa, na fase jovem. A poda de condução é necessária somente nas plantas afetadas pelas geadas.

Métodos de regeneração: o guapuruvu pode ser plantado a pleno sol, em plantio puro ou misto, principalmente no tutoramento de espécies secundárias a climax.

Por apresentar crescimento rápido e copa ampla, recomenda-se espaçamento mínimo de 16 m² por planta ou densidade inicial não superior a 300 árvores por hectare (Embrapa, 1988). Essa espécie brota após corte, não só da base como em qualquer altura do tronco, principalmente quando afetada por geada.

Sistemas agroflorestais: espécie recomendada para sistema silviagrícola, associado com culturas perenes como bananeira, ou de ciclo curto como a mandioca (Embrapa, 1988).

Nesse sistema, pode ser usado no Sul do Brasil, produzindo madeira para desdobro, com rotação provável para corte de 10 a 15 anos (Baggio & Carvalho, 1990).

O guapuruvu é recomendado, também, para proteção do cafeeiro contra geadas, no norte do Paraná. Foi plantado para sombrear os cacauzeiros no sul da Bahia, mas não é espécie adequada para tal fim, pois em virtude de seu rápido crescimento e alto porte, em breve tempo atinge tal altura que não mais projeta a necessária sombra (Correa, 1926; Aguiar Sobrinho, 1996).

Crescimento e Produção

Quando em condições ambientais e de cultivo adequados, o guapuruvu é uma das espécies de mais rápido crescimento nas Regiões Sul e Sudeste do Brasil (Tabela 49), apresentando, também, forma retilínea. A produtividade volumétrica máxima registrada é 45 m³.ha⁻¹.ano, aos 10 anos.

Na Argentina, uma parcela experimental em espaçamento de 2 x 2 m apresentou, 10 anos após o plantio, altura média de 21 m, diâmetro médio (DAP) de 20,4 cm e sobrevivência de 90% (Cozzo, 1962).

Estima-se, uma rotação a partir de 5 anos para industrialização de pasta para papel. Aos 20 anos, mediante espaçamento de 5 x 5 m, pode atingir 30 m de altura e 80 cm de DAP (Rizzini, 1971).

Características da Madeira

Massa específica aparente: a madeira do guapuruvu é leve: 0,32 a 0,40 g.cm⁻³ a 12% de umidade e 0,54 a 0,58 g.cm⁻³ a 15% de umidade (Paula, 1980; Paula & Alves, 1997).

Massa específica básica: 0,27 g.cm⁻³ (Silva et al., 1982; Jankowsky et al., 1990).

Cor: alburno branco-palha, não diferenciado do cerne, com manchas amareladas e rosadas.

Características gerais: superfície lisa ao tato, sedosa e irregularmente lustrosa; textura média a grossa, uniforme; grã irregular a reversa. Cheiro e sabor imperceptíveis.

Durabilidade natural: madeira com resistência baixa ao ataque de organismos xilófagos.

Preservação: apresenta alta permeabilidade às soluções preservantes, quando submetida a tratamentos sob pressão.

Secagem: madeira de fácil secagem, mas pode apresentar endurecimento superficial, se as condições de secagem forem drásticas.

Trabalhabilidade: fácil de ser cortada e beneficiada, apresentando um aspecto áspero após o acabamento. Todavia, há dificuldade na fixação de pregos e parafusos.

Outras Características

- A descrição anatômica da madeira do guapuruvu pode ser encontrada em Richter et al. (1974) e em Mainieri & Chimelo (1989).
- Pernía et al. (1998) observaram a presença de cristais prismáticos na madeira dessa espécie.
- Características físicas e mecânicas da madeira podem ser encontradas em Pereira & Mainieri (1957) e em Mainieri & Chimelo (1989).

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a madeira do guapuruvu pode ser usada como miolo de painéis compensados e na fabricação de portas, brinquedos, saltos para calçados, embalagens leves, aeromodelismo, pranchetas, embalagem de frutas; palitos para fósforos e lápis, peças para interior, taipa e piroga (canoa de um só tronco) para alto mar; na construção civil, pode ser usada também como forro, tabuado e obras internas.

Tabela 49. Crescimento de *Schizolobium parahybae* em experimentos em quatro Estados do Brasil.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	IMAv (a)	Classe de solo (b)
Adrianópolis, PR ¹	2	4 x 2,5	100,0	4,88	10,0	...	PVAd
Campo Mourão, PR ²	12	3 x 3	56,0	15,37	25,8	16,30	LVdf
Coronel Pacheco, MG ³	5	12,00	15,0
Cosmópolis, SP ⁴	20	21,50	47,0	...	LVdf
Dois Vizinhos, PR ⁵	10	3 x 2	90,7	11,79	19,6	26,90	LVdf
Fênix, PR ⁶	2	2 x 2	88,4	7,00	10,4	...	LVdf
Foz do Iguaçu, PR ⁷	3	4 x 3	100,0	7,68	17,4	...	LVdf
Mamburê, PR ⁶	3	2 x 2	85,9	6,23	11,4	...	LVdf
Osório, RS ⁸	6	2 x 2	95,0	9,00	15,0	31,45	MTf
Paranaguá, PR(c) ⁹	10	3 x 2	50,4	4,96	8,5	1,20	LVA
Quedas do Iguaçu, PR ¹⁰	8	4 x 4	83,3	16,22	39,1	45,00	LVdf
Santa Helena, PR ¹¹	7	4 x 4	...	13,14	20,0	...	LVef
Santa Helena, PR ⁷	8	4 x 3	93,3	14,00	23,4	23,30	LVef
Santa Helena, PR(d) ¹²	10	3 x 3	43,7	18,50	34,4	41,80	LVef
Santa Helena, PR ⁷	10	4 x 4	93,7	24,67	40,9	45,00	LVef
São Simão, SP ¹³	7	4 x 2	...	15,40	22,0	...	LVdf

(a) Incremento médio anual em volume sólido com casca ($m^3 \cdot ha^{-1} \cdot ano^{-1}$), calculado com valores médios de altura e de DAP.

(b) PVAd = Argissolo Vermelho-Amarelo distrófico; LVdf = Latossolo Vermelho distrófico; MTf = Chernossolo Argilúvico férrico saprolítico; LVA = Latossolo Vermelho-Amarelo distrófico argissólico; LVef = Latossolo Vermelho eutroférrico.

(c) Plantio em meia-encosta, na face Sul.

(d) Em plantio misto; dados fornecidos pela Itaipu Binacional.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: ¹ Embrapa Florestas / Werneck.

² Embrapa Florestas / Copel.

³ Golfari, 1975.

⁴ Nogueira, 1977.

⁵ Silva & Torres, 1992.

⁶ Carvalho & Costa, 1981.

⁷ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

⁸ Rosa, 1983.

⁹ Embrapa Florestas.

¹⁰ Embrapa Florestas / Araupel.

¹¹ Zelazowski et al., 1991.

¹² Itaipu Binacional.

¹³ Moraes & Coelho (1982).

Richter et al. (1975) comprovaram a eficiência de chapas de compensado e laminados produzidos com a madeira dessa espécie, com possibilidades de emprego em móveis, fôrmas de concreto, caixotaria pesada e leve (geladeiras, congeladores, etc).

Segundo os autores, o baixo peso específico do material não representou queda proporcional nas propriedades mecânicas.

Energia: produz lenha de má qualidade (Nogueira, 1977), apresentando teor moderadamente baixo de lignina (Paula, 1980). Poder calorífico da madeira de 4.544 Kcal.kg (Silva et al., 1983).

Por apresentar debilidade básica muito baixa, essa espécie não é indicada para produção de carvão vegetal, pois certamente apresentaria baixa densidade e alta porosidade, friabilidade e higroscopicidade (Andrade & Carvalho, 1998).

Celulose e papel: madeira considerada excelente para fabricação de polpa e papel de fibra curta (Paula, 1980), levando ainda a vantagem de

possuir madeira quase branca e mole (Rizzini, 1971). O comprimento da fibra varia de 1,10 mm a 1,59 mm.

No entanto, para a fabricação de papelão, há necessidade de se misturar a fibra com fibras mais longas de outras espécies, evitando, assim, queda de resistência e comprometimento do produto final.

Carboidratos: das sementes do guapuruvu se obtém uma goma endospermica que possui um grupo de galactomananas com diversas proporções manose/galactose (Matos et al., 1998).

Substâncias tanantes: o guapuruvu contém tanino na casca, muito usado em curtume, para curtir couro.

Alimentação animal: a forragem dessa espécie apresenta 17% a 24% de proteína bruta e 5% a 9% de tanino (Leme et al., 1994).

Apícola: as flores do guapuruvu fornecem pólen e néctar (Reis et al., 1992; Pirani & Cortopassi-Laurino, 1993), com 29% de açúcar e o mel é fluído e perfumado (Barros, 1960).

Medicinal: a casca tem propriedade terapêutica adstringente, sendo usada na medicina popular.

Paisagístico: espécie utilizada em parques, praças, jardins e na arborização de ruas, em passeio central amplo (Soares, 1982; Cesp, 1988; Lorenzi, 1992). Vantagens: as raízes, profundas, em solos permeáveis, causam poucos danos a muros e calçamentos.

Recomenda-se distância mínima de 2 m de paredes e muros. Restrição: no plantio em avenidas, a queda das folhas causa entupimento de entrada do esgoto, podendo causar alagamentos (Maixner & Ferreira, 1978).

Entretanto, tem sido utilizada em várias cidades brasileiras, entre as quais, Brasília, DF e Santa Maria, RS (Santos & Teixeira, 1990).

Reflorestamento para recuperação

ambiental: os galhos do guapuruvu são preferidos para a nidificação do pássaro joão-de-barro (*Furnarius rufus*) (Kuhlmann & Kuhn, 1947).

A espécie é recomendada também para restauração de mata ciliar em locais não sujeitos a inundação (Ferreira, 1983; Salvador, 1987; Salvador & Oliveira, 1989).

Principais Pragas e Doenças

A broca-da-madeira, *Acanthoderes jaspidea* (Coleoptera: Cerambycidae), é a principal praga

do guapuruvu (Vila, 1965/1966). Sua maior atividade se restringe, principalmente, às árvores de crescimento rápido e à frequência de ataque é maior nos primeiros 4 anos de vida das árvores.

A incidência é maior entre o verão e início do outono. Gallo et al. (1978) e Vila & Flechtmann (1970) mencionam como outras pragas: a coleobroca *Micrapate brasiliensis*; os serradores *Oncideres dejeani* e *Oncideres saga* (Coleoptera, Cerambycidae); a mosca-da-madeira (*Rhaphiorhynchus pictus*), e ácaros.

Espécies Afins

O gênero *Schizolobium* Vogel, engloba duas espécies. *S. amazonicum* Ducke, conhecida por bandarra, guapuruvu-da-amazônia, paricá, paricá-grande ou pinho-cuiabano, que ocorre na Amazônia Brasileira, onde é árvore da floresta primária e secundária, de terra firme e várzea alta.

Essa espécie ocorre também na Bolívia, onde atinge até 40 m de altura, na idade adulta. Na Colômbia e no Peru é conhecida por serebó. Apresenta crescimento ainda mais rápido que o do mandiocão (ver Mandiocão).

Essa espécie é muito parecida com o guapuruvu (*S. parahybae*), atualmente procurada para plantio, principalmente em Rondônia, já que é muito usada na produção de lâminas interiores *corestock* de compensado (Dubois, 1986).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui